INSTITUTO DO CEARÁ

RAIMUNDO ARAÚJO

O CEARÁ tem sido um fecundo celeiro de valôres nacionais. Grandes vultos do Brasil, quer nas letras, na política, nas ciências e nas artes, tiveram por berço a causticante terra dos mares verdes. Alencar foi uma dessas afirmações. Sendo o maior romancista brasileiro do século passado, criador de uma literatura puramente nossa, foi ainda figura de relêvo na jurisprudência e na política do segundo reinado. Farias Brito, Oto de Alencar, Alberto Nepomuceno, Moura Brasil, Capistrano de Abreu, Clóvis Beviláqua, Vicente Leite, Raimundo Cela, Barão de Studart reafirmam o valor inconteste dêsse Estado nordestino nos vários ramos da inteligência e da cultura.

Quem acompanha, com interêsse, o movimento e a evolução da mentalidade brasileira, de norte a sul e de leste a oeste, chega à conclusão de que o Ceará é, depois do Rio, um dos Estados da Federação que mais vive intelectualmente. Em Fortaleza, além dos inúmeros grêmios e centros culturais de moços, revistas, seis jornais diários, com amplos suplementos literários semanais, tudo em franca atividade, funciona uma Academia Cearense de Letras; uma nova Tebaida, uma Casa de Juvenal Galeno, um Instituto de Ciência Política, um Instituto do Nordeste e Instituto do Ceará. Êste, o mais importante de todos êles.

Agora mesmo recebi do Dr. Carlos Studart Filho, de sua autoria, um trabalho sôbre a vida e atividades do Instituto do Ceará, biênio 66/67, que a IUC acaba de publicar êste ano, numa edição de 33 páginas.

Das entidades de intelectuais nordestinos, o Instituto do Ceará é a de maior notoriedade. Fundada há oitenta e um anos atrás, no dia 4 de março de 1887, é uma instituição cultural que vem a ser, como é, nesta hora, a mais importante associação cultural do Nordeste. Seus membros, dos fundadores aos contemporâneos, pontificaram e pontificam em todos os ramos do conhecimento e saber humanos. As maiores cabeças pensantes daquela região integram êsse Instituto. Martinz de Aguiar, mestre da língua pátria, vernaculista dos maiores do Brasil, comentado e respeitado pelas sumidades filológicas do Brasil e de Portugal. Raimundo Girão, historiador e geógrafo que, em nome do Govêrno cearense, acaba de levantar dúvida da autenticidade de ser Cabral o descobridor do Brasil, dando a glória a Vicente Pinzon. Carlos Studart Filho (autor do trabalho em referência) in-

dianista, geógrafo, historiador e crítico dos mais eruditos, médico e general do Exército, cujas obras fortalecem o patrimônio cultural brasileiro. Misael Gomes da Silva, doutor em Teologia, Filosofia, General Honorário do Exército, professor de muitas gerações. Florival Seraine, folclorista, médico. Clodoaldo Pinto, jurista notável, "um dos mais completos humanistas que há produzido o Ceará". Hugo Catunda, historiador e educador notável, são alguns dos membros dêsse luminoso templo do saber.

Instituto do Ceará obra de Carlos Studart Filho, divide-se em 12 capítulos em que o autor salienta a austera presença do Instituto em relação à Generalidades, aos Prêmios Literários, a Medalha da Abolição, o Conselho de Cultura, a Administração do Estado, a Universidade Federal do Ceará, os Novos Sócios, a Casa de Tomás Pompeu, o Centenário da Batalha de Tuiuti, as Sociedades de Cultura do Estado, o Museu do Estado e a Vida Interna do Instituto.

Dos sócios atuais, os mais assíduos, nos anos de 66/67, foram Carlos Studart Filho, Manuel Andrade Furtado e Renato Braga.

(**Diário Fluminense** 11—12—68

O VICE-REITOR RENATO BRAGA

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Quase aturdido fiquei, na manhã de 14 de junho, ao saber a notícia do desaparecimento súbito, no dia anterior, de meu bom amigo — Renato Braga. Vi-o, pela derradeira vez, a 13 de março do corrente ano, cheio de vida, satisfeito, a irradiar otimismo, em frente à Diretoria da Escola de Agronomia do Ceará, que foi a menina de seus olhos. Na antevéspera, assistira à minha posse na Academia Cearense de Letras e abraçara-me efusivamente.

Tinha o dom especial de derramar alegria, em tôrno de si. Quando vinha a Crato, cidade que gostava de elogiar, não esperava por visita de amigos. Apressava-se em ir vê-los, sempre com aquela simpatia irradiante. Habituei-me, de alguns anos para cá, a colocar, na primeira página da revista **Itaytera**, frase expressiva de algum vulto ilustre, vinculado a esta comuna. Há meses, tive a satisfação de receber, do Vice-Reitor da Universidade do Ceará, o segundo volume de seu bem feito **Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará**. Já havia recebido o primeiro. Li ambos com o maior interêsse possível. Foi minucioso, ao extremo, ao referir-se ao étimo Crato. Descreveu-o, não só no sentido estritamente científico, mas com carinho todo especial.

Transcreveu vários trabalhos de autores regionais, referentes a esta cidade.

Poucas publicações foram, até agora, mais pormenorizadas na descrição de Crato, do que o referido **Dicionário.** Copiei-lhe trecho e mandei colocá-lo no frontispício do número 12 de **Itaytera,** correspondente ao presente ano. Vejamos: Crato — Cidade alegre e movimentada, de ruas limpas e traçadas regularmente, praças ajardinadas, bem iluminadas, de convívio fino e elevado, merece, sem favor, o título heráldico de Princesa do Cariri" — **Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará** — pág. 446 — Renato Braga.

No dia 13 de junho, ao receber a prova da capa de **Itaytera,** disse à minha espôsa: Renato Braga, creio que ficará bastante satisfeito. — Será surprêsa para Renato. No dia seguinte, a revista estava concluída, capaz de ser entregue ao público. Êle é quem não podia mais vê-la, com os olhos materiais. Jazia, sem o sorriso natural, em seu caixão mortuário e, mais tarde, baixava à sepultura.

Não mais receberia os amigos com aquêle ar tão acolhedor! São insondáveis os desígnios de Deus! Poucas pessoas têm citado tanto Renato Braga quanto eu, nos meus despretensiosos escritos por êste Brasil afora. Quando preciso beber conhecimentos de botânica regional, abro as páginas de **Plantas do Nordeste, Especialmente do Ceará** com inteira confiança. É livro que estou sempre a consultar, esta incomparável **História da Comissão Científica de Exploração**, em que descreve, com minúcias, a permanência no Ceará dos cientistas brasileiros mandados pelo Império, para estudos especializados. Muitos dêles estiveram, em Crato, em 1860, e o botânico Freire Alemão de Cisneiros deixou seu rastro, escrevendo no jornal de João Brígido — **O Araripe.**

O Vice-Reitor da Universidade soube ressuscitar aquêle episódio que encheu a província de tantas novidades, não só no campo da ciência, como na movimentação da bisonha vida acanhada de Fortaleza, naquela época.

O seu **Dicionário,** já citado, faz parte das obras que eu mais consulto. Renato ficou bem vivo em minha retina, tal qual o vi, na tarde de 13 de março na Escola de Agronomia, três meses antes de seu infausto desaparecimento. Fui ali, em companhia do agrônomo prof. Antônio de Albuquerque Filho visitar aquêle grandioso conjunto arquitetônico, com instalações, agora que completa cinqüenta anos de profícuas atividades. Muito da alma de seu dinâmico Diretor, recém-falecido, ficou naquela monumental instituição, que êle viu crescer, desde os primeiros passos. Agora é dos mais justos patrimônios culturais do Ceará que sabe, dentro do sofrimento, criar empreendimentos imorredouros.

Foi o maior legado que deixou à terra que adotou, com tanto devotamento. Sabia êle, com seu magnífico coração, que, elevando o ní-

vel da cultura agropecuária do Ceará, estava a contribuir, da maneira mais eficaz, para a sua total libertação do flagelo que o castiga secularmente. Merece Renato Braga tôda a gratidão da gleba cearense.

Unitário, 30 - 6 - 1968

CIENTISTAS PORTUGUÊSES ANTERIORES AOS HOLANDESES NO BRASIL

Até há pouco se afirmava que os holandeses teriam introduzido as ciências naturais no Brasil. Tal asserção está sendo definitivamente refutada pela primeira edição fac-similar do manuscrito de frei Cristóvão Severim de Lisboa que acaba de sair do prelo, sob o título **História dos Animais e Árvores do Maranhão.**

O sábio português compôs a obra, entre 1624 e 1635, tempo que passou no extremo Norte do Brasil, na qualidade de custódio franciscano e comissário do St.º Ofício. Frei Cristóvão tratou, pois, da fauna e flora brasileiras antes dos invasores holandeses.

A edição monumental do livro lançado pelo Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa reproduz abundantes desenhos da nossa fauna e flora como também o respectivo texto original, remontando ambos a frei Cristóvão. Para melhor compreensão da obra, figura um prefácio escrito pelo Dr. Alberto Iria e um estudo crítico e exaustivo do Dr. Jaime Walter sôbre frei Cristóvão e sua obra-prima.

Perdido em séculos passados, o original reapareceu, em 1934, quando foi adquirido pelo govêrno português. O manuscrito fazia parte da **História Natural e Moral do Maranhão,** obra do mesmo autor franciscano que continha 4 volumes dos quais se perderam três.

Frei Cristóvão Severim de Lisboa, cumprida a missão no Brasil, voltou para Portugal, onde foi nomeado Bispo de Angola, tendo, porém, falecido em 1652, antes de sua confirmação pela Sta. Sé.

O nome do franciscano português está intimamente ligado ao Ceará porque fundou em 1624 a primeira missão franciscana em Fortaleza onde deixou dois confrades para ao mesmo tempo prestarem assistência religiosa aos militares. Segundo afirma frei Vicente do Salvador na sua **História do Brasil 1500-1627,** Frei Cristóvão de Lisboa andou outra vez no Ceará, quando em 1626 visitou seus súditos, em companhia de alguns jesuítas.

Frei Venâncio Willeke, OFM
Do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro